

Rachel de Queiroz

Manuel Bandeira

Louvo o Padre, louvo o Filho,
o Espírito Santo louvo.
Louvo Rachel, minha amiga,
nata e flor do nosso povo.
Ninguém tão Brasil quanto ela,
pois que, com ser do Ceará,
tem de todos os Estados,
do Rio Grande ao Pará.
Tão Brasil: quero dizer
Brasil de toda maneira
- brasileira, brasileira,
brasílica, brasiliense,
brasiliiana, brasileira.

2ª Parte

Poesia

Louvo o Padre, louvo o Filho,
o Espírito Santo louvo.
Louvo Rachel e, louvada
uma vez, louvo-a de novo.
Louvo a sua inteligência,
e louvo o seu coração.
Qual maior? Sinceramente,
meus amigos, não sei não.
Louvo os seus olhos brilhantes,
louvo a sua simpatia,
Louvo a sua northista,
louvo o seu amor de sia.
Louvo o Padre, louvo o Filho,
o Espírito Santo louvo.
Louvo Rachel, duas vezes
louvada, e louvo-a de novo.
Louvo o seu nome: O Querer
e os seus três, louvo As Três
Marias especialmente.

Improviso para Natércia Campos

Francisco Carvalho

Ó mar de Portugal,
guitarras e acalantos.
Velas das caravelas,
saudai Natércia Campos.

Miradouros e arcadas,
esculturas de espantos.
Pousai, olhos barrocos,
sobre Natércia Campos.

Senhora Dona Sancha,
quantos recatos! quantos!
Quem vos descobre o rosto
senão Natércia Campos!

O Tejo e o Douro tecem
com seus novelos brancos
vestes e baldoquinos
para Natércia Campos.

Sombra de Antônio Nobre,
vai, por todos os cantos,
desfolhando baladas
para Natércia Campos.

Sabei, águas do Douro,
que as chuvas e os relâmpagos
são dádivas dos deuses
para Natércia Campos.

Cânticos Tardios

Francisco Carvalho

I

Tens o fascínio dos tigres quando se deitam, saciados,
à sombra das árvores sagradas da montanha.
O fulgor das pupilas dos tigres no cio da primavera.
A leveza dos passos dos tigres que se movem
lentamente entre clareiras de aurora e veredas de sol.
O odor da memória dos tigres que se banharam
no limo dos rios. Tens o olhar e a plumagem
aveludada dos movimentos dos tigres raiados de ouro.
A luxúria dos tigres que acabaram de erguer
brindes de sangue a um deus desconhecido.

II

Meus olhos de sátiro seguem os teus passos
rumo aos portais do tempo. Invejo os astros que contemplam
ilhas e deltas de tua nudez. Quando a noite chegar pelas
frestas das paredes, eu te esperarei nas
esquinas da memória. Os teus seios são cordas
de uma guitarra de que jorra o sangue das adagas
e o vinho dos madrigais. Tenho ciúmes
dos olhos dos espelhos em cujas retinas ensolaradas
todas as rotas secretas de tua nudez.

III

Teu sexo é uma rosa canibal. Devora alados
objetos, vespas e formigas. A boca da serpente
vingativa que exala os aromas da sedução e do pecado.
Caverna de veludo onde mora a estirpe
do dragão. A labareda de um vulcão que não

cessa de jorrar fogo das entranhas.
Teu sexo é uma porta de catedral gótica
por onde o espadachim se insinua. Porta de bronze
que não se abre para a ceia dos nômades.
Concha bipartida de um pensamento canibal.

IV

O amor é o mito da serpente que desliza na superfície
da nudez. A serpente que escreve adágios de
sangue para as sementeiras do pecado. E foi expulsa
das labaredas de Sodoma pelo anjo que perdeu
a memória. A serpente de língua tríplice
que se fartou dos pêssegos da mulher de Urias.
E guarda, no cristal das retinas, a secreta revoadada
dos trevos do sexo. O amor é a serpente que devora
o tempo. A volúpia do tempo que nos devora.

V

O tempo, muralha de espuma, me separa de ti,
me arrebatada em sua nau de movimentos azuis.
O tempo não me deixa adormecer à sombra
dos teus olhos, me expulsa para um exílio
de ventos e de pássaros. O arco do tempo me acerta
com os seus dardos de fogo. Plumas da revoadada
dos dias desabam sobre nós. O tempo me
leva para um país que não existe nos mapas.
Me arrebatada em sua nau de movimentos azuis.

VI

Amo o teu vôo na água, os teus passos na relva,
o teu jeito de anjo bailarino, o teu sexo
de papiro, os teus seios e suas taças de ópio.
Amo o teu pulso e seus adágios, os artelhos,
as artérias, as coxas, os favos da nuca, as conchas

e seus enigmas, os teus olhos vazios de remorso.
Amo a tua pele de nômade, o seu gosto de vinho
e de pólen, o teu vôo na água e no tempo, teu cheiro
de argila e de âncora, teu odor do cio do mar.

VII

O teu corpo é uma verde colina onde os arroios
cantam de madrugada. A parte mais secreta do mar
onde os barcos e os meus desejos ancoram.
Lugar do meu exílio e da minha perdição. A rocha
que levanta a cabeça por cima do cio das marés.
O fanal que espera pelos navios e a volta dos marujos
bêbados que naufragaram. Sou um marujo bêbado
que te segue até a porta de sangue de uma
aurora submersa. Até o santuário de relvas
onde me juntarei aos gnomos suicidas
e provarei das romãs do teu corpo.

VIII

Os teus negros olhos de pássaro ou de arauto
que veio da noite e do mar e não teve as asas decepadas
pelos relâmpagos. Os teus olhos de gueixa velejam
nas trevas do meu corpo e me ensinam as rotas do êxtase
quando o luar derrama o vinho da insônia nos
tombadilhos. Negros olhos de pestanas vergadas
pelo cio. Olhos de pássaro que atravessou os mares
de Ulisses. Os teus negros olhos governam
os meus dias e meus sonhos de homem.

IX

O mito do tempo nos persegue. Eu te vejo agora,
corpo de árvore irrigado pela seiva, as folhas
gotejando o orgasmo do orvalho. Os teus frutos são
dádivas do êxtase. Deuses de limo te enfeitam

com grinaldas e braceletes de raízes. Sou um fauno que perdeu a memória dos sentidos. Os dias são pássaros velozes. Ao cair da tarde, os teus seios reverdecem como os brotos da primavera.

X

Enquanto considero a distância do tempo que nos separa, o vento desfaz os negros anéis dos teus cabelos. Seduzido pelo teu corpo de adolescente egípcia, meu coração mais parece um bailarino que perdeu o compasso da música. Seguirás o teu caminho com o fulgor de uma estrela que incendeia os meridianos do céu. Aonde quer que fores, os meus olhos te recordarão neste verso de Montale: "Levarás contigo meu último sopro de poesia".

XI

Os meus pensamentos são asas que te acariciam. Eu te amo com a densidade de uma pedra onde se ergue o talo de uma flor. O meu amor tem gosto de sangue e de vinho, te espera sob a folhagem dos meridianos. Sou o espantalho que segue os teus passos e vai arder em teus vestígios de luz. Tua presença é um vinho que me embriaga. Jardim secreto para a floração dos meus sentidos. Eu te amo com todos os ramos e vértices do meu corpo. No tempo e depois do tempo.

XII

Sou o teu marujo bêbado que regressou das orgias do mar. Tua presença me embriaga como um vinho que amadureceu ao sol de garrafas negras. Tua nudez recende às ânforas de vinho que as musas pagãs derramavam nos seios envenenados pelo ópio das papoulas. Minha língua escreve versos de amor

nos cristais de tua pele. Tua nudez é uma cidade distante povoada de faunos e gnomos. Um cacho de romãs mais rubras do que os primeiros vestígios da aurora.

XIII

O teu corpo não é um acidente geográfico nem um mito sonhado pelos deuses. É de carne e osso, um monumento de nervos e vértebras. Um rio de artérias que deságuam nas praias do êxtase. O amor é ritmo que jorra da alma e dos movimentos corporais. Grinalda de espinhos que desabrocha na primavera dos namorados. É por isso que te amo, ungida de orgasmo e suor, exalando aromas de potranca fecundada nos estuários do Nilo. Úmida como a terra que semeia as entranhas para celebrar o noivado das sementeiras.

XIV

Gostaria de caminhar pelas veredas do teu sono. De percorrer as avenidas do teu corpo. De morder as amoras dos teus seios. De ancorar nas restingas de tua nudez. De velejar em tua nau de linho até o alvorecer das idades do tempo. De ungir os teus joelhos de namorada egípcia com o jorro das minhas vindimas. De esculpir em teu ventre as formas rebeladas da carne que os homens herdaram dos deuses. Gostaria de entrar em teu corpo como se entra numa catedral. De regar os teus canteiros de musgo. De escrever madrigais em todas as colinas do teu dorso.

XV

Tu és a nuvem dançarina que vem do céu e se deita no rio para ver a chuva fustigando as ancas dos cavalos com seu chicote de prata. O rio seduzido pelas verdes águas do mar. O rio que pastoreia as madrugadas,

os deuses e vassalos do amor com sua flauta de limo.
Nuvem que me oferta o seu corpo e me convida
para as núpcias das espigas e dos pêssegos coroados
de sangue. Tu és a nuvem que me acaricia com
a plumagem do sexo inviolado. Eu sou a flecha
trespassada no pássaro negro do teu ventre.

XVI

No coração da noite vazia os meus pensamentos
te procuram entre os espelhos e as paredes do quarto.
Os ruídos da noite me dilaceram e as flechas dos
meridianos me trespassam com seus dardos.
Pergunto ao vento e à chuva, aos duendes da treva,
às ondas do mar e aos pássaros que desabam do céu.
Nada me fala de ti, pastora de auroras extraviadas.
Os meus pensamentos pousam nos teus olhos,
onde os dias ressuscitam sob negras pálpebras.

XVII

Eu te esperei à sombra da árvore do tempo, na esquina
de uma rua que passa pelos meus sentidos. Escutei
o tropel da cavalgada dos dias e os passos do centauro
esmagando a cauda dos escorpiões. Te esperei
na véspera da noite ártica, no ponto de convergência
da luz e das trevas. Não sei quantas auroras se consumiram
à sombra da árvore do tempo. Sei apenas que te
esperei com a obstinação da pedra que se esfarela
de encontro aos obeliscos de espuma do mar.

XVIII

Não usarei de metáforas para falar do teu corpo
e de suas metamorfoses. Buscarei as palavras mais simples
do idioma do amor para escrever versos de sangue
mais rubros do que os cachos das sementeiras.
Não usarei de máscaras verbais para celebrar teus

recatos, teus jardins e messes escondidas. Usarei das palavras de todos os dias para seduzir o teu corpo, acariciado pelos dedos de salitre dos trevos do mar.

XIX

O teu corpo não é uma abstração que me visita todas as noites. Não é um fantasma que sacode a poeira dos móveis e se mistura às cinzas de um jardim soterrado pelo vento. Não é o murmúrio das vertentes que deságuam nos rios do tempo. Não é a nuvem que se evapora, nem essas grinaldas de espuma do noivado das marés. Teu corpo é uma árvore de artérias. O dorso e o cio da fera que eu amo.

XX

Sou o auriga que conduz os cavalos negros de tua carruagem. As retinas da insônia trespassadas nos gomos de tua nudez. Sou o gume e a têmpera do aço da cimitarra que te golpeia. O azeite da lâmpada que pastoreia o morto na sala vazia. O pássaro que volta ao ninho e só encontra os vestígios da noite. A pedra que se move nos recintos do fogo e do átomo. As pupilas dos rios que vão desaguar no tempo ou na memória. O auriga que incendeia os velozes cavalos do amor.

XXI

O tempo é a breve eternidade do homem. O tempo do amor é a vertigem da flecha à procura do alvo. Os olhos da amada me esperam na soleira da porta, mas a porta não se abre nunca. Os segredos da porta só os decifram os adivinhos do rei. Espero a amada na soleira da porta, mas a chave da porta foi atirada num covil de serpentes. Esse odor de cedro não vem dos montes. Vem do corpo da amada, que se banha nas águas das fontes. Viajarei ao encontro da amada e de seus enigmas.

XXII

Nada espero dos deuses e de suas utopias. Quero tocar teu corpo como a ponta da minha cimitarra, morder teus pêssegos envenenados e todos aqueles frutos da árvore do paraíso. Um anjo cego me guiará pelos vales de tua nudez. Os meus sentidos te seguirão. Teu corpo se afastará lentamente da minha sombra, apunhalada pelo uivo dos cães. Eu te direi palavras proibidas, madrigais de fogo, serenatas de ventos enfurecidos. Meus sentidos te acariciam com a língua dos leopardos asiáticos.

XXIII

Te carrego em meu pensamento, em minhas palavras, na espinha dorsal do verso e da rima, no poema que não escrevi, na ode que não terminei, no vinho derramado em meu corpo e em todos os vazios do meu coração. Te carrego para as núpcias dos estios e o desfolhar das estações. Meus olhos de sátiro te despem, minha volúpia te acaricia, meus lábios mordem as romãs de tua boca, minha voz enlaça a tua língua e todos os meus sentidos te penetram. Minhas palavras fustigam os vértices de tua nudez, tuas coxas ungidas com a resina dos cedros da montanha. Te arrebató para os pórticos da noite, me embriagarei das orgias do tempo e dos cachos de tuas vindimas.

Do País dos Mourões ao Rastro de Apolo

Francisco Carvalho

Gerardo Mello Mourão
cantor do incêndio de Tróia
conhece a fala dos ermos
e o canto da sericóia.
Cavalgou duzentas léguas
no lombo de uma jibóia.

Esse mestre de adivinhos
parente de deuses gregos
já viveu do pastoreio
de nuvens e de borregos.
Nunca teve as mãos atadas
nunca teve os olhos cegos.

Sabe de cor essas lendas
dos etruscos e dos mouros
lendas escritas com sangue
pela hecatombe dos touros.
Estradas que se bifurcam
nos estios duradouros.

Aprendeu com os alquimistas
os feitiços das mandrágoras
de Platão foi confidente
foi aluno de Pitágoras.
Costumava ler Homero
nas tribunas e nas ágoras.

Gerardo Mello Mourão
não tem sangue de bastardo

salta por cima do vento
mais veloz do que um leopardo.
Foi em Delfos que lhe deram
seu pergaminho de bardo.

Sabedor de muitas línguas
de muitas filosofias
já vagou por descampados
longas noites, longos dias.
Foi o arauto predileto
de Ignacio Sánchez Mejias.

Esse cidadão do mundo
nascido nas Ipueiras
onde os meninos não choram
entre os dedos das parteiras
ama os rios que deságuam
nas coxas das lavadeiras.

Viu a noite amotinada
roçando as tochas do mar
o esqueleto do cabrito
que se acabou de imolar.
Viu essa morte escapando
pelas bordas do alguidar.

Esse herdeiro de argonautas
servido por alto dom
foi a Tebas, reconstruída
pelo milagre do som.
Lá trocou conchas do Reno
pela flauta de Anfion.

A seus pagos regressando
e ao pastoreio dos bodes
reencontrou as amadas
e os ancestrais de bigodes.

Celebra amores de antanho
com versos, beijos e odes.

Leitor das sagas de Homero
sonhava nos intervalos
com a volúpia das éguas
cobertas pelos cavalos.
Dorme ao luar dos alpendres
acorda ao canto dos galos.

Cedo aprendeu a remota
ciência dos pastoreios
tangia o vento e os rebanhos
ao som da flauta dos veios.
Remava as naus das amadas
e as naviarras dos seios.

Esse profeta escutava
o som da chuva que vinha
a respiração dos seios
das moças nas camarinhas
o andar arcaico das mulas
carregadas de farinha.

Conhece o giro dos astros
e seus augúrios eternos
o odor das nuvens molhadas
pelo frescor dos invernos.
Mitos dos mundos antigos
mitos dos tempos modernos.

Vem de Goa e Madragoa
rumo aos musgos de Isabela
e às crespas rotas das fêmeas
que têm visgo de cadela.
Vem das entranhas de Circe
com seu remo e sua vela.

Por sete noites estive
nos labirintos de Creta
teve notícias da aurora
pela boca de um profeta.
Amós lhe ensina que a vida
vai torta por linha reta.

Vai Gerardo ao mapa-múndi
e à Serra da Borborema
cruza as relvas das donzelas
e as escarpas do poema.
Depois regressa aos primórdios
da antiguidade serena.

Volta ao País dos Mourões
para novas descobertas.
Ver as potrancas no cio
pastando em léguas desertas.
Ouvir o canto dos charcos
pelas janelas abertas.

Volta de Andorra e de Málaga
de alaúde a tiracolo.
Visita a tumba de Lorca
onde acha paz e consolo.
Depois escreve a epopéia
que o leva ao Rastro de Apolo.

Vem da longínqua Tessália
dizer versos para as putas
beber do vinho das bodas
podar as relvas das grutas.
Andar sem rima e sem rumo
pelas noites dissolutas.

Com seu barco a remo e vela
vem do Mar do Labrador
para as terras da fazenda
e os mandacarus em flor.
Vem a estibordo do sonho
e a barlavento do amor.

Vem guiado pela estrela
dos pastores da Judéia.
Mais brilhante que a razão
do que a luz da papa-ceia.
Vem pregar ao seu povo
os augúrios da epopéia.

Vem refazer os cercados
derrubados pelo tempo
dar de beber aos cabritos
nas gamelas de cimento.
Rever os rios da infância
carregados pelo vento.

Veio ensinar ao seu povo
versos e estrofes de Homero
Camões e Cesário Verde,
de um monge chamado Antero.
Vem de Goa e Madragoa
esse albatroz do hemisfério.

Gerardo Mello Mourão
vidente das Ipueiras
decifra o enigma das coisas
se as coisas são verdadeiras.
Ama os rios que deságuam
nas coxas das lavadeiras.